

Patrimônio do gênio

8 DEZ 1987

CASOU espécie ter o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios da Unesco decidido incluir Brasília no Patrimônio da Humanidade, junto com a Grande Muralha da China e o Taj Mahal, na Índia: seria inexplicável conferir uma mesma distinção ao que os séculos já consagraram e ao contemporâneo — Brasília conta apenas 27 anos —, ainda pendente do juízo da História.

MAS HÁ equívoco nessa surpresa. A decisão da Unesco não é, nem poderia ser uma decisão da História; ela é um tributo de reconhecimento ao gênio criador do homem. E a Humanidade se alimenta, sem dúvida, de gênios na esfera das ciências e das artes, assim como de heróis, no campo das iniciativas e de santos, no mundo dos valores morais: o que eles realizam, na escala do sublime, inspira-nos sempre a todos, na escala modesta de nossas limitações e mediocridade.

ORA, HÁ uma identidade essencial entre os gênios do passado e os da contemporaneidade, que é justamente esse alçar-se sobre a mediocridade, a imitação, o comum — pouco importando quando. Até porque a marca registrada do gênio é a ruptura com o imediato, quer no espaço, quer no tem-

po: com a conformidade e com a sucessão por via de repetição.

BRASÍLIA representa, realmente, essa ruptura. Quando foi inaugurada, a reportagem de capa que a revista "Time" lhe dedicou levava como subtítulo: "A Capital em meio à natureza virgem." E essa expressão, que hoje talvez fizesse rir, deu a medida perfeita de um pasmo então corrente: o pasmo pelo salto no processo de interiorização; o pasmo e mesmo a irritação mais virulenta contra a ruptura da rotina de apropriação linear do espaço nacional, a que parecia ter-nos condenado a origem colonial e periférica do Brasil.

BRASÍLIA é, ainda, seja pela conceção de Lúcio Costa, seja pela identidade que lhe conferiu a arquitetura de Oscar Niemeyer, imagem e símbolo de um Brasil feito das aspirações nacionais; de um Brasil em perspectiva e em esperança — esperança que, diferente da pura expectativa, sabe sobrelevar-se até às próprias desesperanças. Não foi à toa que um outro intuitivo, o intuitivo político que sempre se mostrou Juscelino Kubitschek, a colocou no Plano de Metas e em lugar privilegiado: a meta-síntese.

LEGA-SE que Brasília não poderá escapar à mudança. Certamente; mas que esta se be-

neficie da inspiração da genialidade; ou se sinta, mais ainda, provocada à criatividade. Alega-se também, contra a iniciativa da Unesco, que ela impedirá a adaptação da estrutura da cidade às necessidades futuras — como se o futuro viesse a dispensar as necessidades permanentes que o homem tem do belo e do sublime e como se o progresso implicasse necessariamente desfiguramento do presente e do passado pelo futuro. Alega-se, enfim, elitismo na providência que teve do Governador José Aparecido o endosso entusiástico e o empenho calcado na sensível visão do grandioso — mas tal alegação redonda em estranha aversão pelas liberdanças intelectuais e artísticas com que o Brasil se afirmou.

A OUSADIA de Brasília não está em disparate com o País; quis apenas refletir-lhe a dignidade, como agora lembra Lúcio Costa. E esse predicado deveria ser o bastante para motivar à preservação de suas características essenciais. Porque assim Brasília se erige em evocação constante de um momento privilegiado da história nacional, evocação indispensável à consciência cívica. Tal como a Acrópole de Atenas que, mais que um mecenato, teve a sustentá-la um tempo forte na história da sociedade e das instituições atenienses, o século do líder político que foi Péricles.